

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitetura

anais do 7º seminário do_co_mo_mo_brasil

porto alegre, 22 a 24 de outubro de 2007

**CENTRO DE CONVIVÊNCIA DJALMA MARINHO – UFRN
A “SOBREVIDA” DE UMA OBRA DA ARQUITETURA MODERNA EM NATAL**

PEREIRA, Marizo Vitor (1), NOBRE, Paulo José Lisboa (2)

(1) Arquiteto, mestrando do PPGAU, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Fone (084) 3231.9670 (marizovitor@yahoo.com.br)

(2) Arquiteto e Urbanista, Mestre pelo PPGAU, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, doutorando do PPGAU.

Fone (084) 9986.1277 (paulonobre@ufrnet.br)

CENTRO DE CONVIVÊNCIA DJALMA MARINHO – UFRN A “SOBREVIDA” DE UMA OBRA DA ARQUITETURA MODERNA EM NATAL

RESUMO

Concebido segundo os princípios brutalistas, estética predominante nos edifícios do Campus Central da UFRN, nas décadas de 1970 e 1980, o edifício do Centro de Convivência Djalma Marinho da UFRN, projetado em 1978 e inaugurado em 1982, tem sido alvo de transformações que começaram após a execução de sua estrutura de coberta. Desde então, o projeto original tem sido modificado em sua organização espacial interna. Construído em concreto aparente, exibe uma coberta horizontal rodeada por pesadas colunas, dispostas a igual distância, definindo um ritmo regular. Implantado próximo ao edifício da reitoria da UFRN, foi inicialmente pensado para abrigar, prioritariamente, atividades ligadas aos interesses discentes – além de funcionar como ponto de encontro, vocação natural do local. Originalmente edifício aberto, área de sombra – construção frondosa, no dizer do arquiteto modernista pernambucano Armando Hollanda - ele vem sendo “loteado” com atividades diversas, ocupado de forma arbitrária e ilimitada, reproduzindo a solução espacial adotada para ruas de comércio e serviço – efeito shopping. Sob a coberta, foram criados originalmente espaços para encontros, eventos culturais, alimentação e atendimento a necessidades básicas: banco, correio, papelaria, entre outros. A requalificação dos espaços internos, aparentemente determinada por motivos funcionais, descaracterizou o projeto original. Produziu-se um novo, sem o devido enfrentamento consciente de suas preexistências; pouco tratadas como elementos de projeto. Esse trabalho objetiva chamar atenção sobre o valor arquitetônico do edifício do Centro de Convivência Djalma Marinho da UFRN, como parte integrante do acervo modernista natalense. Ao mesmo tempo, documentar e analisar o processo de requalificação aplicado ao projeto original, em que o interesse volta-se para o interior da edificação, rompendo com os princípios da correspondência biunívoca interior/exterior, próprios da arquitetura moderna. Como consequência, soluções de fachada e concepção volumétrica da proposta original negadas, transformadas em “fundos”, comprometendo a essência modernista que preside a concepção do edifício.

Palavras-chave: arquitetura moderna; brutalismo; requalificação.

ABSTRACT

The Djalma Marinho building was designed to attend convenience services and to integrate staff members of Universidade Federal do Rio Grande do Norte, in an area close to the main court building. The design concept was based on the brutalist movement, which highly influenced the UFRN aesthetics in the 70's and 80's. The original project consists of a large horizontal roof in fibre cement with columns built in apparent concrete around it, equally distributed to create a regular rhythm, without walls. It is in accordance with the recommendation of the modernist Armando Hollanda that recommends a ventilated and shaded area to guarantee comfort. Since it was built, in 1982, the layout has been changing arbitrarily, repeating the organization of a commercial streets or malls. Several shops were implanted without the necessary discussion or planning, which led to the degeneration of the original proposal. This paper aims to qualify the building architectural value in relation to the local modern architecture inventory. The process consists of documentation and analysis of the alterations, apparently pre-determined by functionalism. The result evidences that the visual targets changed from outside to inside, breaking the relation between both, typical in modern architecture. As a consequence, original façade solutions and volumetric conception were denied, transforming them in “backyards”, and destroying the modernist essence.

Keywords: modern architecture; brutalism; requalification.

CENTRO DE CONVIVÊNCIA DJALMA MARINHO - UFRN

A “SOBREVIDA” DE UMA OBRA DA ARQUITETURA MODERNA EM NATAL

INTRODUÇÃO

Dada a importância da arquitetura moderna no Brasil, sua preservação está se tornando cada vez mais impositiva e interessante. Suas lições, por estarem muito próximas de nós, no tempo, carregam valores que podem ser revistos, consagrados ou até mesmo contestados com relativa facilidade. (Faggin, 2004). É importante frisar que preservar o patrimônio arquitetônico não significa congelá-lo, transformá-lo em coisa imutável (Carrilho, 2001). Nem tão pouco exercitar “meia preservação”, acarretando prejuízo para a proposta arquitetônica original, em nome de uma pretensa requalificação.

O acervo natalense da arquitetura moderna, apesar de reduzido, apresenta-se de forma expressiva, pela qualidade de suas propostas. É fortemente influenciado pela escola pernambucana, através de obras de arquitetos como Delfim Amorim, Heitor Maia Neto, Didier, além de arquitetos potiguares que residiram em Recife durante sua formação.

Concebido segundo os princípios brutalistas, estética predominante nos edifícios do Campus Central da UFRN, nas décadas de 1970 e 1980, o edifício do Centro de Convivência Djalma Marinho da UFRN, projetado em 1978 e inaugurado em 1982, tem sido alvo de transformações que começaram após a execução de sua estrutura de cobertura. Desde então, o projeto original tem sido modificado, principalmente, em sua organização espacial interna.

Construído em concreto aparente, foi inicialmente pensado para abrigar, prioritariamente, atividades ligadas aos interesses discentes – além de funcionar como ponto de encontro, vocação natural do local. Originalmente edifício aberto, área de sombra – construção frondosa, no dizer do arquiteto modernista pernambucano Armando Hollanda - ele vem sendo “loteado” com atividades diversas, ocupado de forma arbitrária e ilimitada, reproduzindo a solução espacial adotada para ruas de comércio e serviço – efeito shopping. Sob a cobertura, foram criados originalmente espaços para encontros, eventos culturais, alimentação e atendimento a necessidades básicas: banco, correio, papelaria, entre outros.

A requalificação dos espaços internos, aparentemente determinada por motivos funcionais, descaracterizou o projeto original. Produziu-se um novo, sem o devido enfrentamento consciente de suas preexistências; pouco tratadas como elementos de projeto.

Este trabalho objetiva chamar atenção sobre o valor arquitetônico do edifício do Centro de Convivência Djalma Marinho da UFRN, como parte integrante do acervo modernista natalense. Ao mesmo tempo, documentar e analisar o processo de requalificação aplicado ao projeto original, em que o interesse volta-se para o interior da edificação, rompendo com os princípios da correspondência biunívoca interior/exterior, próprios da arquitetura moderna.

Como conseqüência, soluções de fachada e concepção volumétrica da proposta original negadas, transformadas em “fachadas de fundo”, comprometendo a essência modernista que preside a concepção do edifício.

ARQUITETURA MODERNA EM NATAL

A realização dos pioneiros europeus do Movimento Moderno, difundiu-se no Brasil na década de 20, do século passado, aportando em Natal na década de trinta, através do escritório de Saturnino de Brito.

Entre nós – brasileiros - esse movimento se apresenta, conforme o define Paulo Santos (1981), em quatro fases. A primeira é chamada de implantação, inicia em 1930 e vai até 1936; a segunda, de 1936 a 1941; a terceira, de 1941 a 1961; a quarta, iniciada com a construção de Brasília. Segundo seu entender, os acontecimentos que demarcam cada fase são os seguintes: primeira fase – da posse de Lúcio Costa na ENBA-Escola Nacional de Belas-Artes à visita de Le Corbusier; segunda fase – da vinda de Le Corbusier / início da construção do edifício do MEC à Pampulha; terceira fase – inaugurada com a construção da Pampulha, até a construção de Brasília – fase de superação da ortodoxia funcional e regularidade geométrica de traçados, rumo à procura da liberdade formal, através da incorporação de novas idéias; quarta fase - da construção de Brasília em diante.

A cidade do Natal/RN - cidade provinciana -, inicia o século XX com sua arquitetura totalmente impregnada pelo estilo Neocolonial e pelo estilo denominado Eclético. Sobrevivem, também, reminiscências do casario colonial com seus telhados desaguando diretamente através dos beirais, durante muito tempo delimitando o espaço das ruas.

Em 1935, no governo Rafael Fernandes, a cidade passa por transformações urbanísticas que vão ter repercussões também com relação à arquitetura.

Uma nova linguagem arquitetônica é dada a conhecer através das propostas para os novos edifícios públicos, como por exemplo, as Estações Ferroviária e Aeroportuária, integrantes do projeto realizado pelo escritório de Saturnino de Brito, em 1935.

O Mercado Público da Cidade Alta, inaugurado em 1937, apresenta uma fachada totalmente destituída de ornamentos e com a predominância de linhas retas.

Mais expressivo é o projeto do edifício da Comissão de Saneamento de Natal, situado na Avenida Rio Branco, concebido também pelo escritório de Saturnino de Brito. Apresenta em suas fachadas influências de Walter Gropius (BAUHAUS) e de Le Corbusier.



Figura 1: Perspectiva do edifício da Comissão de Saneamento de Natal.
Fonte: MIRANDA, 1981.

A semente está lançada. Surgem aos poucos outras propostas influenciadas pela nova arquitetura, incluindo habitações. Nos anos 1950, Natal seria introduzida definitivamente na modernidade arquitetônica.

Produto desse momento, observa-se alguns exemplares da mais pura expressão modernista como a sede do América Futebol Clube (1959), projeto de Delfin Amorim, arquiteto português radicado em Recife; edifício do INSS/Ribeira (1954), projeto de Raphael Galvão Júnior – procedência ignorada; sede do ABC Futebol Clube, projeto de Agnaldo Muniz, desenhista natalense (1959) -- , entre outros.

Nossa atenção se voltou para os arquitetos potiguares que tiveram sua formação em outros estados e, ao retornarem, introduziram a Arquitetura Moderna em Natal, nas décadas de 1950 e 1960. Vários desses arquitetos tiveram sua formação profissional, de forma predominante, em dois estados: Pernambuco e Rio de Janeiro. Pernambuco tendo criado seu curso de arquitetura na década de 1950 e Rio de Janeiro ainda no século XIX. Assim, são lembrados Ubirajara Galvão, Daniel Hollanda e

Raimundo Gomes, formados pela UFPE; e, João Maurício Fernandes de Miranda e Moacir Gomes, formados pela Faculdade Nacional de Arquitetura, então Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro.

O trabalho desses profissionais reveste-se de uma importância muito grande para a compreensão da evolução da arquitetura local, porém tem sido pouco estudado e divulgado. Bem como as experiências desenvolvidas no estado, principalmente na cidade do Natal. Parte expressiva de sua produção foi destruída ou permaneceu no papel, caracterizando a chamada arquitetura potencial, segundo Chupin (2003).

Apesar da arquitetura produzida na cidade do Recife ter se constituído em uma das mais fortes referências para a implantação e desenvolvimento da arquitetura moderna potiguar, outras influências externas são percebidas - como a da Escola Carioca.

A arquitetura moderna em Natal, de acordo com Seabra de Melo (2004), se desenvolveu em três fases:

Década de 1950, denominada período de disseminação das idéias modernistas;

Década de 1960: momento de consolidação e maior domínio sobre as possibilidades do léxico formal e da técnica construtiva moderna;

Década de 1970: fase do Brutalismo potiguar e de dispersão do ideário modernista. Apresenta traços característicos que mostram influências do chamado Brutalismo Paulista.

Da mesma forma que a linguagem da arquitetura moderna se instala, inicialmente, através das propostas de edifícios públicos, os anos 1970 vão presenciar um fenômeno semelhante. Surgem, entre esses, o Hospital Geral e Pronto Socorro (atual Walfredo Gurgel) (1971);



Figura 2: estádio de futebol conhecido como Machadão (1972);
Fonte: www.natal.rn.gov.br



Figura 3: Edifício da Companhia Energética do Rio Grande do Norte-COSERN (1972);
Fonte: www.natal.rn.gov.br



Figura 4: Capela do Campus Central da UFRN (1973),
Fonte: www.natal.rn.gov.br



Figura 5: Catedral Metropolitana de Natal (1973).
Fonte: www.natal.rn.gov.br

O CAMPUS CENTRAL DA UFRN - Possui uma área de aproximadamente 122,55 ha, tendo sido instalado em 1975. Está localizado num sítio privilegiado da Cidade do Natal, seja pela beleza da paisagem natural ainda remanescente em seu entorno, seja pela sua localização em bairros prestigiados pela proximidade a importantes avenidas da Capital – Av. Senador Salgado Filho (BR 101) e Av. Eng. Roberto Freire.



Figura 6: Localização do Campus universitário na cidade de Natal
 Fonte: OLIVEIRA,2004

O início de sua construção remonta aos primeiros anos da década de 1970. Obedece ao traçado arquitetônico e urbanístico original, de autoria do Escritório Alcyr Meira Arquitetura e Urbanismo, situado em Belém do Pará.



Figura 7: Projeto Original do Campus - Escritório Alcyr Meira Arquitetura e Urbanismo.
 Fonte: NOBRE, 1999

CENTRO DE CONVIVÊNCIA DJALMA MARINHO

CONCEPÇÃO - Considerando a obra arquitetônica, o filósofo Gadamer (1975, *apud* GRACIA, 1996, p. 177) faz a seguinte afirmativa: [ela] “[...] remete para além de si mesma em uma dupla direção. Está determinada tanto pelo objetivo a que deve servir como pelo lugar que deve ocupar no conjunto de um determinado contexto espacial”. O Centro de Convivência Djalma Marinho, do campus central da UFRN, foi concebido para ocupar um espaço de destaque nas imediações do edifício da reitoria – centro geográfico e de decisões -, com o propósito de atrair, predominantemente, a convergência das atenções do corpo discente, permitindo aí um espaço de encontro e de atividades estudantis, com apoio de serviços básicos.

Em 1978, o reitor da UFRN, professor Domingos Gomes de Lima, solicitou ao Departamento de Arquitetura, um projeto para o Centro de Vivência - nome original do edifício. Atendendo ao convite do professor Ronald de Goes, então chefe do departamento, Hiran César da Silva e Marizo Vitor Pereira, professores do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRN, concordaram em conceber e desenvolver a proposta arquitetônica. Os alunos Adler Fontenelle, Fernando Costa, Francisco José Rodrigues, Haroldo Maia e Márcia Fabíola também integraram a equipe responsável pelos trabalhos, participando das discussões e do desenho das pranchas.

Depois do exercício de algumas tentativas de proposta, concebe-se uma grande plataforma coberta, totalmente independente, fazendo uso de concreto aparente, “*beton brut*”, como diria Le Corbusier. Segundo Banham (*apud* ZEIN, 2007), numa concepção Brutalista: [onde poderia se observar] “franca exposição dos materiais; vigas e detalhes como *brises* em concreto aparente, combinados com fechamentos em concreto aparente [...]; mesma exposição de materiais nos interiores; [...]”.

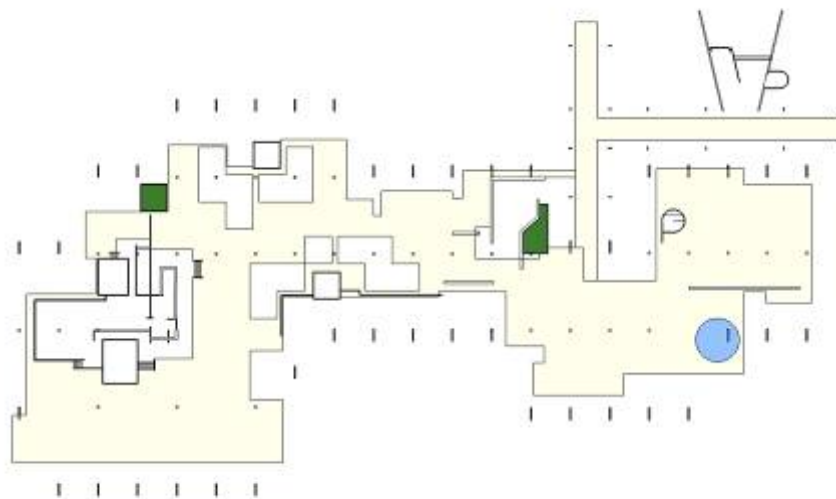


Figura 8: Planta Baixa – Proposta Original.
Fonte: Leonardo Cunha, Carla Varela e Débora Pinto, 2007.

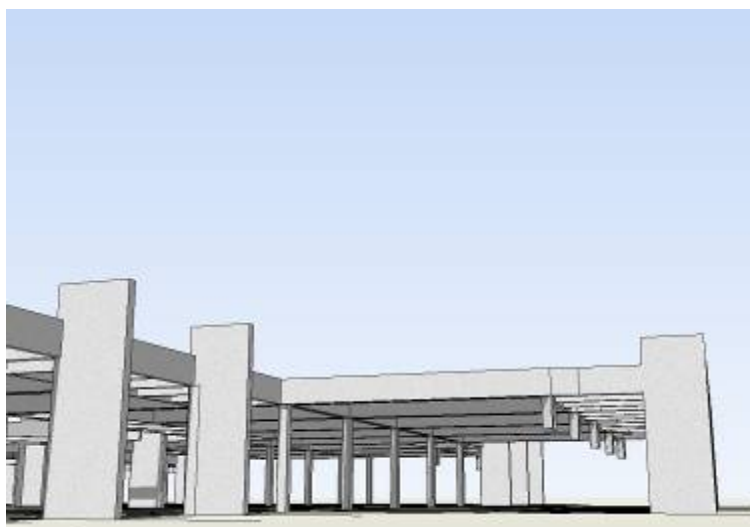


Figura 9: Vista Parcial do Centro de Convivência Djalma Marinho (Reconstituição virtual).
Fonte: Carla Varela, 2007.

Fruto de uma influência que se alastrou pelo Brasil nos anos 1960/70, confirmada por Zein:

[...] uma pesquisa nas fontes bibliográficas disponíveis pode comprovar que poucos arquitetos atuantes no período 1960-70, em qualquer parte do Brasil, deixaram de sentir a influência do Brutalismo Paulista em suas obras – o que é fácil de se constatar tomando-se o testemunho, não dos autores, mas das arquiteturas. (ZEIN, 2007.)

Essa plataforma é ladeada, em toda sua extensão, por pesadas colunas que ultrapassam sua altura, fazendo analogia com pórticos de feira de amostra, alimentando certo aspecto lúdico. A edificação está implantada em um terreno de topografia plana, embora em nível mais baixo, em relação às demais situadas no entorno. Devido às características topográficas do terreno e à distância das edificações mais próximas, a vizinhança não estimula a atribuição de medidas por contigüidade, induzindo uma continuidade espacial entre os elementos que participam da concepção e sua vizinhança.

Algumas idéias tiveram uma participação determinante no processo de concepção da edificação. Do ponto de vista técnico, apresenta uma escala – segundo a Arquiteturologia, operador de medidas de concepção – expressa através do uso do concreto aparente em toda a estrutura e de módulos retangulares que compõem a plataforma. Considerou-se a dificuldade da mão-de-obra local limitada e a relativa facilidade de manutenção dessa estrutura. A escolha do material de cobertura também obedece a questão de ordem técnica. Recomendou-se o uso de telhas metálicas do tipo calhetão, para o vencimento dos grandes vãos.

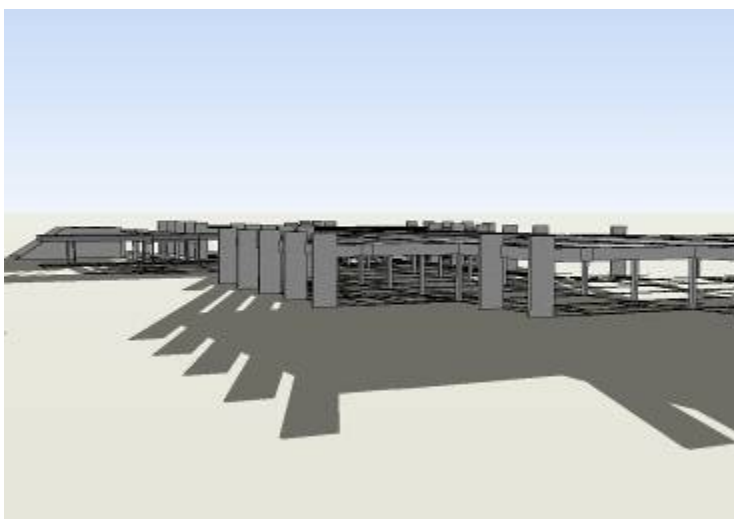


Figura 10: Vista Parcial do Centro de Convivência Djalma Marinho (Reconstituição virtual).
Fonte: Carla Varela, 2007.

Quanto às escolhas de ordem funcional, levou-se em consideração a distribuição das funções básicas que integravam os setores de alimentação, serviço e atividades artísticas, mediante um programa previamente fornecido pela reitoria. Optou-se também por colunas exteriores à plataforma, visando o máximo de liberdade possível para os volumes que seriam implantados sob a coberta.

A dimensão grandiosa da plataforma, embora não traduza um compromisso de ordem espiritual, parece ser suficiente para expressar escolhas preocupadas com o caráter simbólico que deveria acompanhar a empreitada. A forma utilizada, entretanto, não levou em conta a necessidade de estabelecer qualquer vínculo com aspecto simbólico de caráter particular. O caráter de transparência resultante da independência entre a coberta e os volumes situados abaixo, reflete também a necessidade de tirar partido da ventilação natural, abundante em nossa cidade.

A implantação no terreno apresenta uma correção, em relação às demais edificações do campus. Fez-se coincidir a maior dimensão do edifício com o Sudeste para melhor aproveitamento da ventilação cruzada predominante.

A Arquiteturologia concebe a possibilidade de se considerar a localização do objeto – o edifício - no espaço arquitetural, durante o processo de concepção. O Centro de Convivência Djalma Marinho foi concebido para ser visto também à distância. Previu-se um tratamento paisagístico considerando-se a plantação de espécies de grande porte apenas no limite do terreno. Estas deveriam apresentar copa rarefeita, evitando bloqueio visual. Nas proximidades do prédio, apenas espécies de forração e de pequeno porte.



Figura 11: Vista Parcial do Centro de Convivência Djalma Marinho (Reconstituição virtual).
Fonte: Carla Varela e Débora Pinto, 2007.

As referências morfológicas presentes na concepção da proposta, principalmente sobre o uso do concreto aparente, foram ativadas a partir de leituras do trabalho de Kenzo Tange, em sua fase modernista. Igualmente, Vilanova Artigas, Niemeyer e Rino Levi. Inicialmente tendo seu contorno definido a partir de uma composição entre linhas curvas e retas, a plataforma principal do Centro de Convivência teve sua versão final corrigida para linhas retas. Uma consideração geométrica objetivando simplificação de forma e facilidade construtiva.

Sob a referida plataforma, organizam-se as funções, distribuídas por setores, ocupando os poucos volumes que bloqueiam a visão de transparência pretendida. O primeiro setor concentra atividades ligadas à gastronomia, o segundo, atividades ligadas ao setor de serviços e o terceiro às artes. Criou-se um edifício para ser contemplado também à distância. Em uma perfeita comunhão interior/exterior. Um pequeno edifício situado ao lado da plataforma deveria acomodar as funções da administração do centro. Às duas citadas edificações deveria se conectar um terceiro – o cine-teatro, que não chegou a ser executado.



Figura 12: Vista Parcial do Centro de Convivência Djalma Marinho (Reconstituição virtual).
Fonte: Carla Varela e Débora Pinto, 2007.

TRANSFORMAÇÕES - “O lugar é experimentado como um interior, em contraste com o exterior que o rodeia”. (NORBERG-SCHULZ,1975). A proposta original do Centro de Convivência Djalma Marinho foi concebida numa relação estreita interior/exterior. Hoje, após as modificações executadas na proposta original, percebe-se uma negação do espaço exterior, que tem início a partir da implantação dos volumes que bloqueiam visualmente o espaço externo e impedem a entrada de ventilação natural.

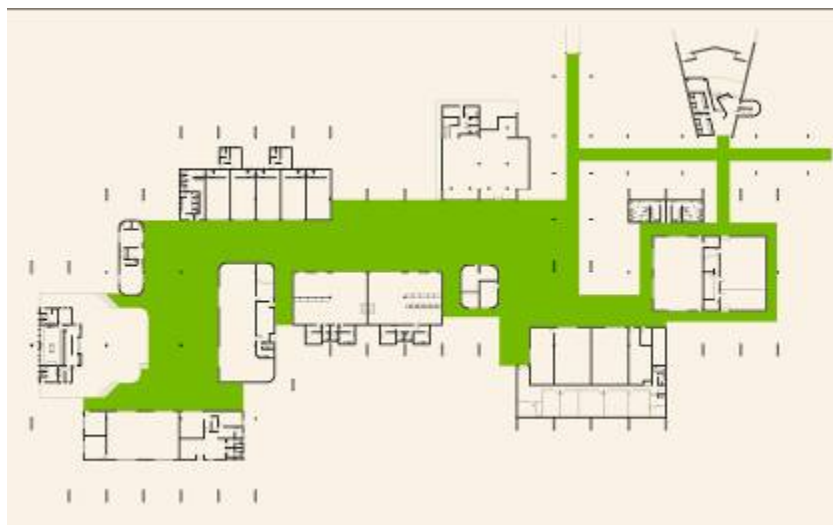


Figura 13: Planta Baixa – Situação Atual.
Fonte: Leonardo Cunha, Carla Varela e Débora Pinto, 2007.



Figura 14: Vista da circulação principal destacando-se a atração exercida pelo espaço interno.
Fonte: os autores, 2007.

Nega-se, também o conceito de lugar. Aquela proposta é atropelada pelo que chamamos “efeito *shopping*” que se observa ao percorrer o espaço interno sob a plataforma. Vamos encontrar a solução de rua central ladeada por lojas, agências bancárias, posto de correio, livrarias e outras salas. Toda a atenção se volta para o interior/corredor.

A construção do edifício do Centro de Convivência foi iniciada em 1979, restando fiel à proposta original apenas a estrutura de coberta, mesmo assim com a substituição das telhas que passaram a ser de amianto.



Figura 15: Vista da circulação principal destacando-se o teto.
Fonte: os autores, 2007.

Logo de início foram sendo observadas pequenas modificações no projeto original que, após algum tempo, foram intensificadas provocando sua total transformação.

A ocupação do espaço passou a contemplar uma série de salas, distribuídas de forma linear, resultando na total obstrução da visão que originalmente atravessava a edificação. Contrariando, portanto, a afirmação: “Uma nova intervenção modificadora deve reconhecer a categoria de *unicum* que qualquer marco espacial merece” (GRACIA, 1996). Hoje o edifício perdeu totalmente sua transparência sendo sinônimo de ocupação aleatória e caótica. Suas fachadas foram substituídas pelas fachadas dos fundos de bancos, lojas, livrarias, restaurante.



Figura 16: Vista dos fundos das salas voltadas para a reitoria. Negação da transparência que caracterizava a proposta inicial.
Fonte: os autores, 2007.



Figura 17: Vista dos fundos da galeria de arte.

Fonte: os autores, 2007.



Figura 18: Vista dos fundos das agências bancárias. Absorção total das colunas.
Fonte: os autores, 2007.



Figura 19: Vista dos fundos das salas de informática. Absorção total das colunas.
Fonte: os autores, 2007.



Figura 20: Vista dos fundos das salas do Núcleo de Arte e Cultura.
Fonte: os autores, 2007.

AVALIAÇÕES - O objetivo de documentar e analisar o processo de requalificação se constituiu numa árdua tarefa, uma vez que tal processo se deu de forma lenta e gradual. Infelizmente, o setor de projetos da UFRN – Superintendência de Infra-estrutura, não arquivava corretamente os projetos, de forma que não há documentação das reformas executadas no Centro de Convivência, o que leva a supor que algumas delas tenham se dado sem qualquer planejamento e sem o controle e fiscalização do setor competente. Assim, tomando como fonte de dados o arquivo da Câmara de Estudos e Pesquisas em Arquitetura e Urbanismo – CEPAU, do Departamento de Arquitetura, foi realizada uma pesquisa documental acerca dos estudos acadêmicos realizados sobre o campus central da UFRN, relacionados ao Centro de Convivência, cujos principais resultados e constatações encontram-se descritos a seguir.

Em 1996, concluindo que o Centro de Convivência era pouco usado pela comunidade universitária, ou seja, não desempenhava a função – de “convivência” – para a qual foi criado, o edifício foi tema de um Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo intitulado: “Centro de Convivência Djalma Marinho UFRN – Proposta arquitetônica de reforma” (MARECO, 1996). O trabalho tomou como ponto de partida uma pesquisa desenvolvida por alunos do Curso de Psicologia, chamada “Encontros e Desencontros: avaliação de um edifício através do mapeamento comportamental de seus usuários” (Azambuja et al., 1986), complementado por observações *in loco*. O estudo comprovou que além do uso “convivência” não ser satisfatório, a ocupação irregular do espaço, com a predominância da oferta de serviços (bancos, xérox, livraria, correios), favorecia a curta permanência dos usuários, além de condicionar o fluxo à localização dos serviços aí instalados. Na ocasião, o Edifício foi considerado um local de passagem obrigatória, por ser implantado no centro do campus e por ter no seu entorno setores muito utilizados, como a Reitoria, a Biblioteca e os Setores de Aulas Teóricas.

Na oportunidade, foi realizada uma Avaliação Pós Ocupação do edifício – cujo objetivo é reconhecer erros, avaliar o uso de materiais, atualizar projetos, verificar os aspectos funcionais e comportamentais – para elaborar um diagnóstico do edifício. Em relação às modificações implementadas à proposta arquitetônica original, a autora concluiu que:

“[...] ampliações realizadas para adequar ao uso [...] muitas vezes prejudicam o partido arquitetônico do prédio, isso quer dizer, não respeitam a estrutura independente, a qual foi projetada com o fim de ressaltar-se. Outras vezes tais ampliações resultam insatisfatórias, pequenas e muito mal projetadas, sem iluminação e sem ventilação” (MARECO, 1996).

Em 2004, a Administração Central da UFRN constituiu uma Comissão Especial para Elaborar o Plano Diretor do Campus Universitário, composta por professores dos Departamentos de Arquitetura, Engenharia Civil, Geografia e Ecologia, além de Técnicos da Superintendência de Infra-Estrutura. Os trabalhos dessa comissão tiveram início em agosto e tomaram como ponto de partida uma proposta de regulamentação do uso e ocupação do solo elaborada em 1998, porém nunca implementada.

Na oportunidade, evidenciou-se a necessidade de investigar a configuração espacial do Campus Universitário e a utilização e apreensão desse espaço pelos seus usuários. Foram então iniciados estudos morfológicos e de georeferenciamento, além de discussões temáticas acerca dos cenários existentes e daqueles que seriam desejáveis pela comunidade universitária. Nesse contexto, o Curso de Arquitetura e Urbanismo, entre outros da UFRN, se empenhou em desenvolver pesquisas sobre o uso e ocupação do solo, cobertura vegetal, etc. Alguns dados relacionados ao Centro de Convivência, coletados naquela ocasião, estão resumidos abaixo.

No âmbito da Disciplina Paisagismo II do Curso de Arquitetura (CAU/UFRN), confirmou-se a condição de espaço sóciofugal (o que não propicia o contato social) do Campus, em especial nos seus espaços interiores, que deveriam atrair as pessoas, mas naquela ocasião as repeliam. Em oposição, foram identificadas áreas classificadas como de “contemplação”, em especial quanto à transmissão de sensações de tranquilidade e beleza, que se encontram localizadas principalmente nas regiões periféricas do Campus – excluído portanto o Centro de Convivência, localizado em sua área central. A sensação de conforto diminuía conforme se adentrava o Campus (COSTA et al., 2004).

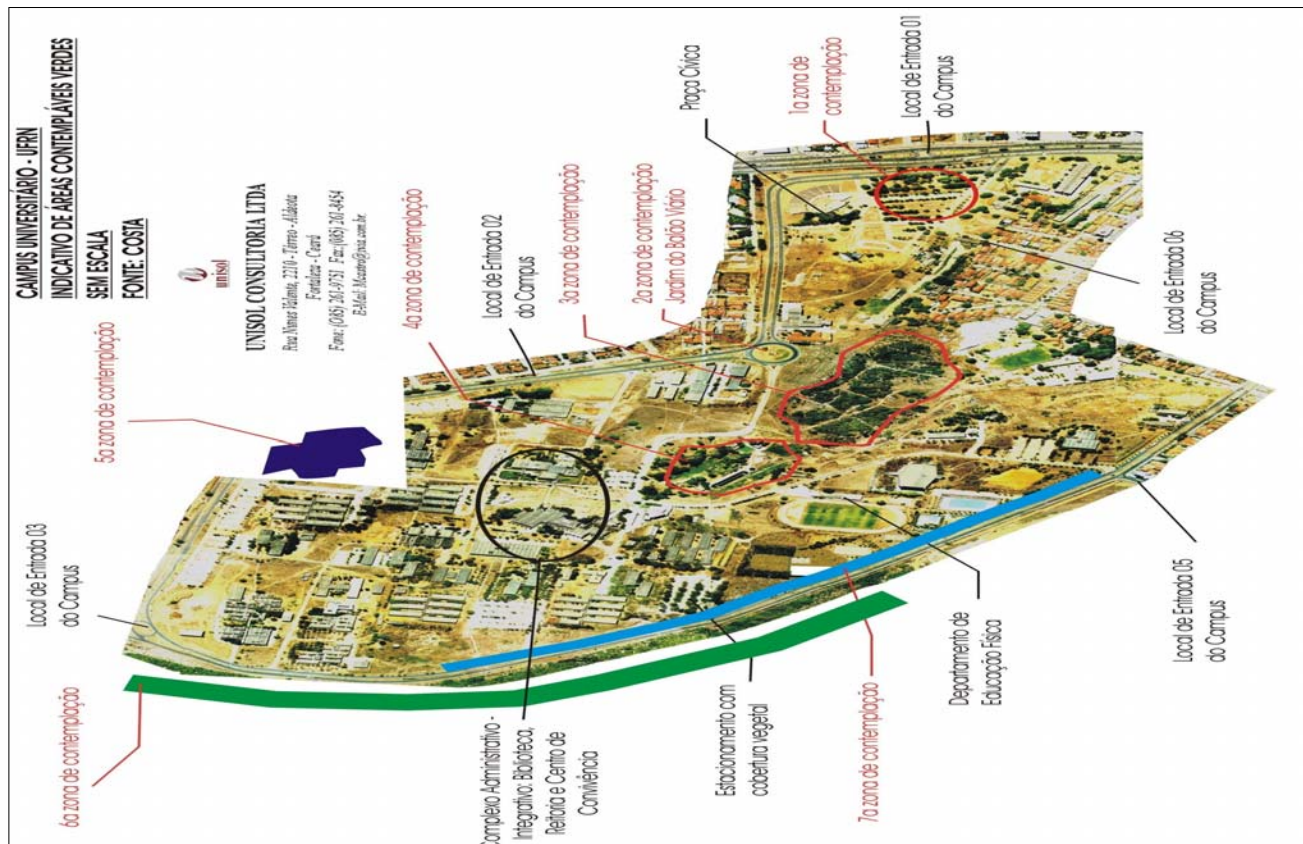


Figura 21: Áreas de Contemplação do Campus
Fonte: COSTA et al, 2004.

Os prédios principais do campus, como a Biblioteca Central Zila Mamede e o Centro de Convivência localizam-se numa situação central e privilegiada, de fácil acesso à via que circunda o campus. No entanto, os locais de interação social foram mal planejados, como é o caso do Centro de Convivência, que ao invés de concentrar as pessoas, mais as afasta, por não apresentar uma estrutura chamativa, por ser quente e ser fechado demais; o que impede a visualização da paisagem privilegiada que o Campus tem do Parque das Dunas. O único chamariz identificado no edifício foram os serviços que lá se encontram. Faz-se interessante salientar, que este estudo, realizado doze (12) anos depois da APO citada anteriormente, chega a mesma conclusão, podendo-se concluir que o

caráter se mantém, em termos do seu uso e apropriação pelos usuários, embora seja reconhecida a localização privilegiada do edifício. (FERNANDES et al, 2004).

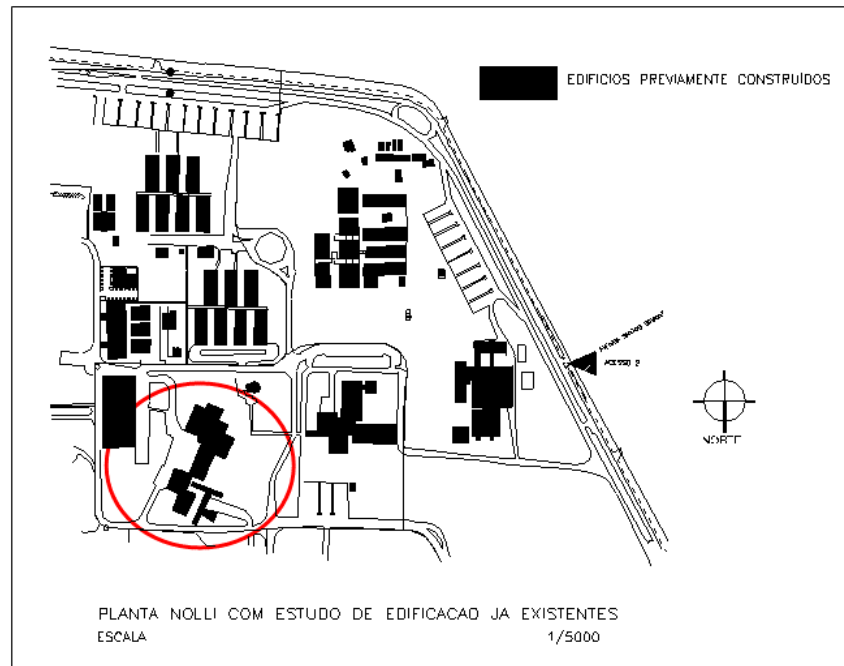


Figura 22: Mapa Figura-Fundo, destacando o Centro de Convivência
Fonte: FERNANDES et al, 2004.

Durante a realização desses estudos, em 2004, foram aplicadas entrevistas (com uma amostragem de 50 questionários) para se obter um levantamento de dados mais precisos em relação aos usuários que freqüentam o campus, bem como suas exigências. As perguntas abrangeram temas como a satisfação dos usuários em relação à paisagem, à configuração espacial, ao aspecto construtivo das edificações e a cobertura vegetal no Campus. Além disso, foi abordada a questão da proposta de verticalização para as futuras edificações no local.

Os principais resultados dessa pesquisa estão relacionados a seguir. Inicialmente, foi identificado que o percurso adotado pelo ônibus circular – que a partir da Reitoria segue para os diferentes setores de aulas, bibliotecas e centro de convivência – é a rota na qual a paisagem do Campus é mais visualizada pelos entrevistados, que em sua maior parte utiliza esse meio de transporte. Observou-se que a área mais freqüentada pelos estudantes, depois dos setores de aula são as cantinas, ambientes que necessitam de um tratamento vegetal bastante significativo, como por exemplo a implantação de uma arborização adequada que proporcione bons espaços de sombra, pois concentra a maioria dos entrevistados. O Centro de Convivência aparece como o quarto lugar mais freqüentado no Campus, confirmando o caráter atrativo do local. (PINHEIRO et al, 2004).

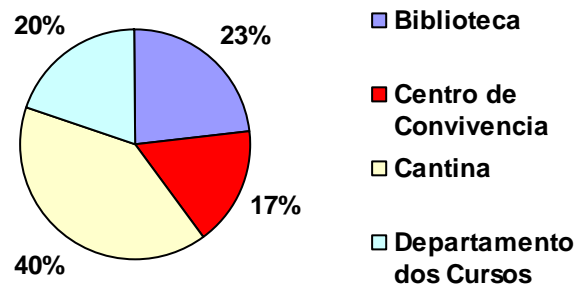


Figura 23: QUAL ÁREA QUE MAIS FREQUENTA? – Gráfico Resultante
Fonte: PINHEIRO et al, 2004.

Com relação à ambiência do Centro de Convivência, foi constatado que o edifício possuía, em 2004, jardins planejados. Quanto à vegetação existente na parte interna do edifício, constatou-se que desempenha a função de deixar o ambiente mais agradável, bem como trazer um pouco de cor à monotonia do tom cinza constante nos materiais construtivos. Na parte externa, o sombreamento promovido pela boa quantidade de árvores de grande porte e de arbustos protege os pedestres e os automóveis estacionados no local. Na oportunidade, essa vegetação encontrava-se bem conservada. (PENHA et al, 2004)



Figuras 24 e 25: Jardins do Centro de Convivência.
Fonte: PENHA et al, 2004.

O Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU, contribuiu com a pesquisa, desenvolvendo um Análise Bioclimática como ferramenta para o Plano Diretor do Campus, no âmbito da disciplina Análise Bioclimática do Ambiente Construído, chegando às seguintes conclusões:

Em 2004 o Campus da UFRN apresentava um quadro complexo de transformação dentro de uma perspectiva de continuo crescimento e expansão vertical e horizontal. Algumas áreas já se

apresentavam bastante adensadas, enquanto, outras ainda tinham grande potencial de ocupação. O crescimento desordenado do campus poderá trazer efeitos contrários ao que se espera que as edificações contribuam. A perda da qualidade ambiental em função desse crescimento deve ser contraposta com a proposição de alternativas que minimizem o impacto sobre o espaço urbano e promovam condições para manutenção do conforto térmico e de salubridade humana. Essas proposições precisam ser acompanhados de um planejamento que considere a análise do clima urbano do Campus em desenvolvimento. Nesse sentido, ferramentas urbanísticas como o Plano Diretor do campus da UFRN, que está sendo desenvolvido, devem incorporar a noção de que o crescimento e ordenação do Campus passam por uma abordagem bioclimática para que se aspirem as condições necessárias desejadas, ou pelo menos, que se evite os usos e ocupação danosos. (OLIVEIRA et al, 2004).



Figura 26: Planta de Recobrimento do Solo do Campus, 2004.
Fonte: OLIVEIRA et al, 2004.

O Plano Diretor do Campus Central da UFRN, proposta concluída em 2006 e atualmente em discussão para aprovação pelo Conselho de Administração da UFRN, incorporou as diretrizes apontadas pelo diagnóstico realizado e as sugestões da Comunidade Universitária manifestadas em fóruns diversos de discussão. Especificamente com relação ao Centro de Convivência, de acordo com o Macrozoneamento (Art. 15) o edifício está localizado na Área Central, definido como uma Área

Especial – porção do território com destinação específica ou normas próprias de uso e ocupação do solo – e, ao mesmo tempo, Área Simbólica – onde serão restritos os índices urbanísticos.

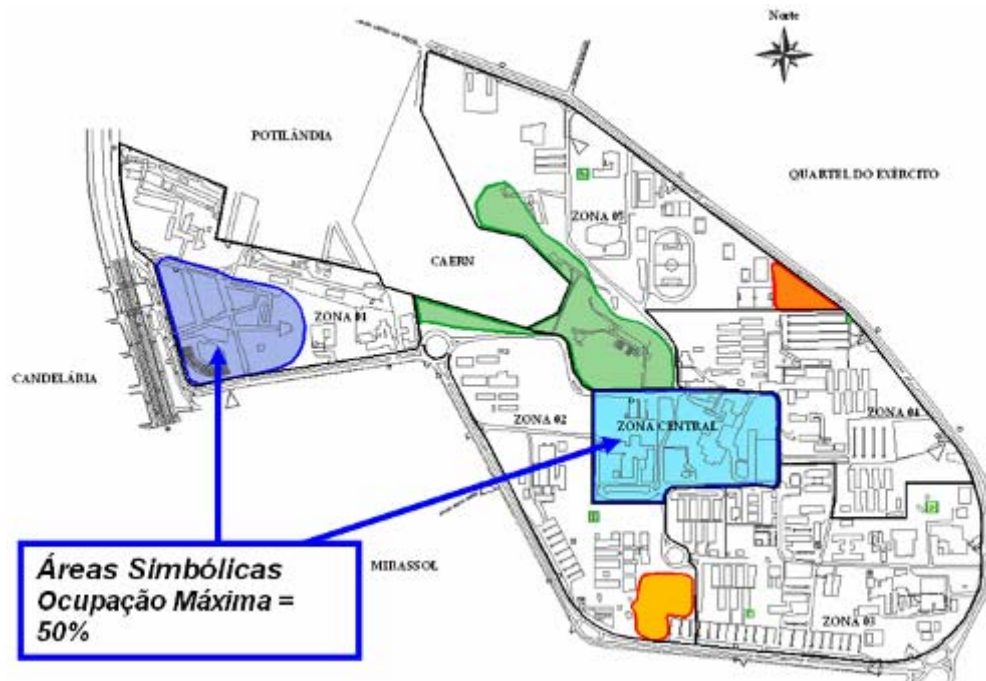


Figura 27: Plano Diretor do Campus – Áreas Especiais
Fonte: PEDRINI et al, 2006

As Áreas Simbólicas do Campus foram definidas em função da sua localização e paisagem, além da presença de edifícios emblemáticos, seja pelo seu uso ou por suas características arquitetônicas. Além da Capela, da Praça Cívica e da Reitoria, o Centro de Convivência foi diagnosticado com um desses edifícios, embora tenha sofrido tantas alterações que comprometem o seu aspecto estético, como citado anteriormente. De acordo com o referido Plano, as futuras intervenções, que resultem em alterações na ocupação do solo nestas Áreas devem ser precedidas de estudos que definam os impactos de vizinhança e ambiental, para fins de análise e posterior aprovação, respeitado o limite máximo de apenas 50% do solo com construções (Art. 7º). Uma vez aprovada, e se aplicada corretamente, a regulamentação resultará obrigatoriamente em intervenções mais criteriosas em termos de futuras reformas e ampliações. Dessa forma, espera-se proteger o patrimônio arquitetônico do Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que ainda conserva exemplares significativos do movimento modernista em Natal, que merecem ser preservados; seja pelas propostas plásticas e atributos estéticos, seja enquanto depositários de técnicas e materiais construtivos utilizados à época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se criar originalmente espaços para encontros, eventos culturais, alimentação e atendimento a necessidades básicas: banco, correio, papelaria, entre outros. A pretensa requalificação dos espaços internos, implantada pela Superintendência de Obras da UFRN exerceu profunda transformação na proposta original. Aparentemente determinada por motivos funcionais, não só descaracterizou o projeto em sua concepção inicial, como também não foi suficiente para alcançar seu objetivo. Produziu-se um novo “ente”, sem o devido enfrentamento consciente de suas preexistências; pouco tratadas como elementos de projeto.

Quatorze anos depois de inaugurado, os estudos realizados concluem: o Centro de Convivência, ao invés de concentrar as pessoas, mais as afastam, por não apresentar uma estrutura chamativa, por ser quente e ser fechado demais; o que impede a visualização da paisagem privilegiada que o Campus tem do Parque das Dunas.

Configurou-se uma intervenção absolutamente arbitrária, irresponsável que não promove qualquer melhoria, nem valoriza a arquitetura. Um dos remanescentes expressivos da arquitetura moderna em Natal foi impedido de desempenhar sua função, pelo lugar que deveria ocupar no conjunto do contexto espacial local.

Acreditamos que este trabalho contribuiu para chamar a atenção sobre o valor arquitetônico do edifício do Centro de Convivência Djalma Marinho da UFRN, como parte integrante do acervo modernista natalense. Ao mesmo tempo, sobre a necessidade de revisão do processo de requalificação aplicado ao projeto original, em que o interesse se volta para o interior da edificação, rompendo com os princípios da correspondência biunívoca interior/exterior, próprios da arquitetura moderna. Processo este que resultou em soluções de fachada e concepção volumétrica da proposta original negadas, transformadas em “fundos”, comprometendo a essência modernista que preside a concepção do edifício. Resta agora o questionamento a respeito da sobrevivência desse monumento que tombou antes de ser totalmente erguido. Ou, sobre o futuro do novo estilo: “ARQUITETURA DE FUNDOS”.

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Gleice et al. Encontro e Desencontros: avaliações de um edifício através do mapeamento comportamental de seus usuários. UFRN: Natal, 1986.

- BOUDON, P; DESHAYES, P.; POUSIN, F.; SCHATZ, F. Enseigner la conception architecturale – cours d'architecturologie. Paris: Éditions de la Villette, 2001.
- CHOAY, Françoise. A Alegoria do Patrimônio. Lisboa:Edições 70, 2000.
- COSTA, Ana Carlota de Brito et al. Estudo no Campus: intervenção urbanística e paisagística. Trabalho Acadêmico – UFRN, 2004.
- FERNANDES, Camila Batista et al. Plano de Intervenção Paisagística e Urbanística para o Campus da UFRN. Trabalho Acadêmico – UFRN, 2004.
- GRACIA, Francisco de. Construir en lo Construído: la arquitectura como modificacion. Madrid: Editorial NEREA, 1992.
- HOLANDA, Armando de. Roteiro para Construir no Nordeste: arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados. Recife: UFPE, 1976.
- MARECO, Julia Beatriz Gonzáles. Centro de Convivência Djalma Marinho UFRN. Trabalho de Graduação – UFRN, Departamento de Arquitetura. Natal, 1996.
- MIRANDA, João Maurício F. de. 380 anos de história foto-gráfica da cidade de Natal 1599-1979. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1981.
- NOBRE, Paulo José Lisboa. Mudança de Percurso: estudo morfológico de uma proposta de modificação na circulação do campus da UFRN. Monografia (Especialização) – UFRN, Departamento de Arquitetura. Natal, 1999.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. Existencia, espacio y arquitectura. Barcelona: Ed. Blume, 1975.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. Intenciones en Arquitectura. Barcelona: Editorial Gustavo Gili: 1979.
- OLIVEIRA, Alexandre Gomes de et al. Análise Bioclimática como ferramenta para o Plano Diretor do Campus. Trabalho Acadêmico – UFRN/PPGAU, 2004.
- PEDRINI, Aldomar et al. Plano Diretor do Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. UFRN, Administração Central. Natal, 2006.
- PEDRINI, Aldomar et al. Relatório das Atividades da Comissão Especial do Plano Diretor do Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. UFRN, Administração Central. Natal, 2005.
- PENHA, Annemilia Batista A. et al. O Campus da UFRN. Trabalho Acadêmico – UFRN, 2004.
- PINHEIRO, Carol Louise Fernandes et al. A Vegetação na Paisagem do Campus. Trabalho Acadêmico – UFRN, 2004.
- SANTOS, Paulo. Quatro séculos de arquitetura. Rio de Janeiro: IAB, 1981.
- SEABRA DE MELO, Alexandra C. Yes, nós temos arquitetura moderna! Dissertação (Mestrado) – PPGAU/UFRN. Natal, 2004.
- SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil 1900-1990. São Paulo: EDUSP, 1997.
- ZEIN, Ruth Verde. Brutalismo, sobre sua definição (ou, de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado). São Paulo: Vitruvius, 2007. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg084_00.asp> Acesso em 14ago. 2007. 15:40:15.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Professor Aldomar Pedrini
Mestrando Leonardo Cunha

Alunas: Carla Varela e Débora Pinto